

## DISLEXIA-DISORTOGRAFIA UM FENÓMENO DA SOCIOLINGÜÍSTICA? (\*)

### INTRODUÇÃO

Apesar da dislexia-disortografia se apresentar como fenómeno cuja problemática tem sido estudada de forma notoriamente exaustiva, mormente a partir da década de 50, com uma identificação científica actual, verifica-se que este lato movimento tem envolvido especialmente pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, educadores, reeducadores, neurologistas e neuropsiquiatras da infância. Parece-nos menos evidente uma atenção electiva por parte dos psicólogos sociais, dos psico-e sociolinguistas, e também dos sociólogos.

E se as coordenadas etiogenéticas apontaram, na maior parte dos casos, para perturbações afectivas, pedagógicas, didácticas, sensoriais e neurológicas menores, etc., não foram tão prolixas em conferir um evidente relevo ao meio económico, cultural e social. Portanto, um prolongamento ou uma necessidade de viragem, ou de reformulação, se impõem nestas pesquisas. Tendo-se tornado fenómeno facilmente observável, cada vez menos 'expressiva' a leitura dos jovens, e menos correcta a transcrição ortográfica da fraseologia corrente, concordamos com I. Borges, quando afirma (2): «Num período em que o indivíduo pré-púbere ou púbere 'repete' os mecanismos psicológicos globais dos primórdios da segunda infância — que é o caso dos alunos

(\*) Desdobramento da comunicação lida no XIX Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, Munique, 30 de Julho a 5 de Agosto de 1978 (Secção: *Learning disorders / Mental retardation*).

(2) BORGES, M. I. Pinto — *Dimensão patológica da linguagem verbal*, in *ACTAS*, p. 197-198.

do ensino básico —, de um modo geral as dificuldades da aprendizagem da língua portuguesa são suficientemente importantes para justificarem uma pesquisa científica e correcta a nível psicológico e psicolinguístico).

Uma questão tão pertinente tem vindo a alertar-nos e a motivar-nos no sentido de fazermos uma revisão de resultados obtidos em anteriores pesquisas, de molde a servirem de demarcador na busca de novos modelos de actuação, e de relançamento de perspectivas acerca das realidades subjacentes à problemática da dislexia-disortografia.

### RESULTADOS DAS NOSSAS PESQUISAS

Fazendo uma revisão analítica dos resultados obtidos com algumas amostras extraídas das escolas primárias do distrito escolar de Coimbra (3), verificámos que a percentagem de pacientes disléxicos-disortógrafos atingia a cifra de 9,8% para o sexo F. e 11,9% para o M. Proseguindo com as nossas investigações nos anos imediatos (1967-1969), nas classes anexas à Escola do Magistério Primário desta cidade (4), despirámos, num universo de 650 sujeitos (cujas I.C. estavam compreendidas entre 8 A; 0 m e 13 A; 9 m como níveis etários mínimo e máximo) percentagens correspondentes a 10,3% para as meninas e 15,3% para os rapazes. Estes quantitativos aproximam-se dos valores detectados por especialistas nos países além fronteiras. Recordando com oportunidade as perturbações encontradas, como componentes da síndrome disléxica, também estas se situam nos confins das coordenadas internacionalmente apontadas como traços sintomáticos (5): «nos dois grupos experimentais são muito significativas as % de perturbações nos códigos da linguagem escrita (embora os défices qualitativos da linguagem oral também sejam elevados (6), a imaturidade neuromotora, as

(3) Cf. MONTENEGRO, A. — *Dislexia-Disortografia*, p. XVIII.

(4) *Op. cit.*, p. 69.

(5) *Ibidem*, p. 329.

(6) *Ibid.*, p. 319-320: «é-nos possível afirmar, após uma longa experiência de aplicação do teste de vocabulário de Terman-Merrill que, para um

perturbações na lateralidade, na afectividade, os baixos níveis económico e sociocultural; mais notáveis ainda, e 100% negativos, os défices nas estruturas perceptivas, espaciais e de organização grafomotora do espaço; a inabilidade e carência de finura gráfica (100% no G.E.M. e 63,6% no G.E.F.); as perturbações temporais e rítmicas são também relevantes: 100% no G.E.F. e 88,6% no G.E.M.)».

Tais conclusões motivaram-nos para o prosseguimento de novas experiências, estas efectuando-se no Centro de Saúde Mental Infantil (7) com pacientes da consulta, cuja I.C. máxima era 14 A. As percentagens encontradas são bastante elevadas, traduzindo-se, assim, numericamente: 15,7% para as raparigas e 13,8% para os rapazes. Posto que os níveis económico e sociocultural dos clientes daquela instituição são geralmente baixos, e dado que também essa componente se evidenciou nas anteriores observações, avançámos a hipótese do valor determinante do factor social no desencadeamento da síndrome disléxica, inclusivamente dos «défices instrumentais», associados à etiologia do fenómeno. Esta perspectiva permite-nos reconsiderar e, quicá, amplificar pontos de vista que superam as conclusões da nossa tese, onde afirmávamos (8): «A comparação de determinadas constelações de factores patogénicos não deve ser considerada patognomónica, permanecendo a dislexia-disortografia uma situação extremamente complexa e cuja etiologia se revela dificilmente abordável». Adoptando este novo critério impôs-se a necessidade de planear novas estratégias no sentido de concretizar investigações mais pertinentes. Por conseguinte, definimos duas experiências piloto, em duas zonas geográficas bem distintas, com amostras populacionais completamente diversificadas e tendo por base um estímulo constante. O estímulo seleccionado foi o teste de vocabulário da escala de inteligência de Ter-

inventário léxico mais diversificado e selecto, se torna indispensável recrutar a amostra entre as camadas culturalmente mais evoluídas».

(7) I.A.P., Coimbra.

(8) *Dislexia-Disortografia*, p. 325.

man (9), obedecendo a sua ministração às seguintes exigências: — 1. obtenção de dados psicométricos (embora discutíveis e de menor relevância) concernentes ao nível mental dos sujeitos.

— 2. capacidade ortográfica, observada através da transcrição da série vocabular ditada, tendo em conta as características intrínsecas e extrínsecas dessa série: — A. uso de vocábulos da linguagem corrente, conceptualmente mais concretos; vocábulos da linguagem elaborada, conceptualmente mais abstractos.

— B. progressão das dificuldades.

A completar o inquérito linguístico pedia-se uma síntese da «história pessoal» de cada examinando.

A primeira amostra é constituída por ex-regentes escolares prosseguindo cursos intensivos de completamento de estudos na Escola do Magistério Primário de Viseu (10), e cuja I. C. média era de 40 A (min. = 31 A; máx. = 62 A.).

Considerando, numa primeira análise, os níveis obtidos nas definições das palavras, diremos que eles são positivos, correspondendo às classificações de Adulto Médio, 23,8%; Adulto Superior I, 38%; Adulto Superior II, 33% e Adulto Superior III, 0,15%. Ao fazermos, em contrapartida, o tratamento dos registos, avaliando os erros ortográficos, os resultados são francamente negativos. Os erros apresentam-se muito variados, abrangendo diversas categorias consignadas nos quadros classificativos (11), mas distinguindo-se, electivamente, nos seguintes n.ºs: 1.º «O som não é reproduzido correctamente»; 3.º «A ordem das letras ou das sílabas é invertida»; 6.º «Erros de grafia, isto é, o som é exacto, mas a grafia empregada não é correcta». Extraiamos, como exemplos mais significativos dos erros: do 1.º e do 3.º casos, as palavras *jogral*, com uma percentagem de 61,9% de

(9) Adaptação portuguesa do vocabulário de: *Medida de la inteligencia*, de TERMAN, L.; MERRILL, M. Trad. de J. Germain. Madrid, Espasa-Calpe, 1954.

(10) Ano lectivo de 1976-77. Trata-se de sujeitos oriundos e vivendo sempre em meio rural, fechado e pleno de carências, nas imediações da Serra da Estrela. O único sujeito que obteve nível de Ad. Sup. III, é oriundo de meio urbano, onde sempre residiu, estava a completar o 7.º ano dos liceus, e os seus passatempos favoritos eram a leitura e a música.

(11) Cf. MONTENEGRO, A., *op. cit.*, p. 267-271.

insucessos; *incrustação*, com 33%; *inapreciável* e *sudorífero*, ambos com 28,6%. Finalmente, no contexto dos erros do 6.º, a palavra *agaimo* foi incorrectamente transcrita em 66% de casos. Constataram-se, além disso, muitos erros nas palavras utilizadas para explicar os vocábulos-estímulos.

A segunda experiência piloto processou-se também naquele ano, mas no Cíelo Preparatório da Figueira da Foz, pelo facto de desejarmos aproximar-nos da faixa costeira, e, como é óbvio, do falar das populações marítimas. Os sujeitos têm I. C. compreendidas entre 10 A; 2 m e 13 A; 10 m, sendo a I. C. média de 11 A., constituindo esta amostra uma turma mista do 1.º ano.

Ao contrário do que se verificou com os adultos, além da deficientíssima transcrição das palavras-estímulo, os níveis obtidos no teste foram acentuadamente baixos, com 80,9% de cotas inferiores à média. Além da fenomenologia apontada nota-se uma evidente dispersão nos erros ortográficos cometidos; deste modo, repetiram-se erros das categorias já enunciadas, aos quais se somaram outros das seguintes categorias: n.º 2 «os fonemas são omitidos»; 4.º, erros de leitura traduzindo-se por «confusão entre os diferentes valores das mesmas letras»; 5.º «erros concernentes às letras que se não pronunciam», e finalmente, 9.º ou «erros de acentuação ou de nasalização» (12).

A fim de exemplificarmos, propomos, como atitude mais prática, voltar ao contacto com os vocábulos-estímulo: adoptando este critério recordemos alguns dos resultados dos jovens pacientes: assim, *jogral* foi erradamente transcrito em 76% de casos; *incrustação* em 38%; *inapreciável* em 66,7%; *sudorífero* em 76%, e *agaimo* em 95%. Também a palavra *desproporcionada* foi errada em 66,7% de casos. Verificou-se, ainda, a existência de quantitativos de erros muito elevados na transcrição de palavras da linguagem corrente, simultaneamente a uma notável tendência para utilizar, na linguagem escrita, os códigos fonéticos da linguagem falada.

(12) *Ibidem*, p. 267-271.

## AMPLIAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS

O estudo dos resultados obtidos com as duas amostras-piloto deu ensejo ao lançamento dum inquérito mais vasto (13). Daí, a mesma listagem vocabular acompanhada das instruções e exigindo os mesmos questionos, já relatados nas duas experiências anteriores, ter sido enviada a todas as Escolas do Magistério Primário do Continente e Ilhas a fim de ser respondida pelos seus alunos, neste caso a amostra adulta, bem como pelas crianças das suas classes anexas (apenas o 2.º ano, 2.ª fase). Estendeu-se, ainda, a aplicação a uma ampla rede de escolas primárias dentro daquele nível de estudos. Também o quinto e o sexto anos unificados (escolas secundárias e ciclo preparatório) foram igualmente abrangidos (14). Desta colheita foi-nos já possível processar a triagem complexiva dum total superior a três mil e duzentos casos. Tão vasto material, ainda por trabalhar, virá a fornecer, em pormenor, conclusões que de momento pretendemos considerar insuspeitadas.

Podemos, não obstante, comunicar de momento tópicos de algumas das suas dimensões:

1. No presente inquérito o repertório de erros dos menores é muito mais extenso e rico do que o dos adultos.
2. A tipologia dos erros, já anteriormente apresentados, mantém-se, estendendo-se ainda nas crianças a todos os n.ºs do quadro classificativo.
3. Nas zonas regionais consideradas de linguagem mais castiça (por exemplo, Coimbra) a massa de erros situa-se, quantitativamente, na transgressão da regra n.º 6, a menos grave, isto é, o som é exacto mas a grafia usada não é correcta.

(13) Ano lectivo de 1977-78, e ainda em marcha.

(14) Cobrimdo, de acordo com a terminologia do Prof. Orlando Ribeiro, as regiões de Portugal: Noroeste (Norte Atlântico); Nordeste (Norte-Transmontano); e Sul. Cf. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, 3.ª ed., Lisboa, 1967, p. 143-160; 174-175.

4. Especialmente nas palavras de uso mais corrente (as primeiras dezoito da listagem) nota-se uma vincada diferença ortográfica na transcrição dos sujeitos oriundos dos estratos socioculturais mais frustes em confronto com os provenientes dos estratos mais evoluídos.
5. É mais notória a diferença de comportamentos entre estes estratos do que, propriamente, uma demarcação entre as áreas rurais e urbanas.
6. O factor «inteligência» interveém de forma pertinente.
7. Os códigos específicos atribuíveis a determinadas áreas populacionais são mais acentuados na zona geográfica do Sul do que nas regiões do Noroeste e Nordeste.

De momento, e à guisa de conclusão provisória, diremos que, no que concerne à capacidade ortográfica dos sujeitos em estudo, verificada através do estímulo definido, estamos, em princípio, tentada a aderir à teoria de Raven (15): «In addition to regional dialects, however, we have social dialects. A social dialect, as I define it, is an habitual sub-variety of the speech of a given community, restricted by the operation of social forces to representatives of a particular ethnic, religious, economic, or educational group».

Todavia, acerca das variantes linguísticas, variáveis sociais e respectivos códigos só mais tarde nos poderemos pronunciar.

## RÉSUMÉ

## DYSLEXIE-DYSORTHOGRAPHE

## UN CERC PHÉNOMÈNE DE LA SOCIOLINGUISTIQUE?

Cette recherche est une conséquence de notre thèse de doctorat intitulée: *Dyslexie-Dysorthographe. Recherches psychopedagogiques à l'école primaire*. Coimbra, 1974, ou sont exposées

(15) RAVEN, I.; MCDAVID, Jr. — *Dialect differences and social differences in an urban society*, p. 73.

des recherches qui ont déposé des pourcentages d'enfants dyslexiques-dysorthographiques environ 10,3% pour les filles et 15,3% pour les garçons. Au delà des phénomènes habituellement constatés on a décelé des niveaux économiques et socio-culturels bas. Ces conclusions on conduit à de nouvelles expériences, à ce moment-là au Centre de Santé Mentale Infantile de Coimbra, ou nous avons détecté parmi les patients jusqu'à 1'AR de 14 A des pourcentages de dyslexiques-dysorthographiques de 15,7% pour les filles et 13,8% pour les garçons. En poursuivant nos recherches en 1976 à l'intérieur du pays dans des milieux très défavorisés au point de vue économique et socio-culturel, nous avons eu besoin de fixer la stratégie suivante: elle consiste dans la passation du test de vocabulaire de l'Echelle d'Intelligence de Terman-Merrill. Alors, la correction des protocoles envisageait le niveau des définitions, moins important, et l'orthographe des mots. L'application a été faite sur un échantillon d'instituteurs en recyclage dont l'AR moyen était de 40 A. La dernière expérience a été accomplie sur des fils de pêcheurs, leurs AR compris entre 10;2 et 13;10. Nous avons remarqué des comportements très proches en ce qui concerne les pourcentages des fautes et leurs catégories déjà considérées par nous (*op. cit.*, p. 267-270) et également par M. de MAISTRE (cf. *Dyslexie. Dysorthographie. Analyse des troubles et techniques de réduction*. Paris, ed. Universit., 1970, p. 77-79). Ces données nous ont ouvert des perspectives d'étude de la dyslexie-dysorthographie dans un contexte social plus vaste et plus profond. Pour cela nous poursuivons encore nos recherches en couvrant tout le Pays avec notre enquête.

AURA MONTENEGRO

Professora Auxiliar da Universidade de Coimbra

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ACTAS, 1.º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, 1976.
- BRIGHT, William ed. — *Sociolinguistics*. Paris, Mouton, 1971. Cf. RAVEN I.; MCDAVID, Jr. — *Dialect differences and social differences in an urban society*, p. 72-83.
- CHOMSKY, Noam; EDMONDS, J. e col. — *Langue. Théorie générative étendue*. Paris, Hermann, 1977.
- CHOMSKY; JAKOBSON e col. — *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- FISHMAN, Joshua A. — *Sociolinguistique*. Bruxelles, Labor, 1971.
- LEFÈVRE, Henri — *Le langage et la société*. Paris, Gallimard, 1966.
- LYONS, John — *New horizons in linguistics*. Penguin Books, 1973.
- MAISTRE, Marie de — *Dyslexie-Dysorthographie. Analyse des troubles et techniques de réduction*. Paris, Ed. Universitaires, 1970.
- MONTENEGRO, Aura — *Dyslexia-Disortografia. Investigação psicopedagógica na escola primária*. Coimbra, Coimbra ed., 1974 (Tese de doutoramento).